

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

THE IMPORTANCE OF HISTORY OF EDUCATION FOR THE
TRAINING OF EDUCATIONAL PERSONNEL

Fátima Maria Neves¹

Célio Juvenal Costa²

Resumo

Apresentar a construção do conhecimento da disciplina de História da Educação para os futuros e atuais professores é o objetivo deste artigo. Mais do que o ato de tomar contato com a educação em seu fazer histórico, fazemos aqui o convite para que o profissional da educação se torne em pesquisador em História da Educação. Para tanto, apresenta-se uma síntese das mudanças ocorridas no campo específico do ofício do historiador das questões educacionais, mostrando qual é o atual estado da arte no que diz respeito à forma mais específica do contato com o passado. Após um período inicial em que a História da Educação esteve subsumida à Filosofia da Educação, nos últimos anos do século XX e nestes primeiros da atual centúria há toda uma discussão teórica que quer legitimar este campo como específico e diferente dos outros relacionados à educação. Neste sentido, os usos e instrumentos que o historiador deve ter a seu dispor, como a definição da periodização a ser pesquisada, o tipo, a escolha e o trato das fontes (documentos históricos) que revelam a vida dos atores sociais que se quer pesquisar, e como se estabelece a relação entre o passado e o presente, são apresentados como requisitos teóricos e práticos para a constituição de uma autêntica História da Educação.

Palavras-Chave: Campo teórico. História da Educação. Ofício do historiador. Pesquisa educacional.

Abstract

Present the need of knowledge of the History of Education for future and current teachers is the goal of this article. More than the act of taking contact with education in your doing here, we call history so that the professional education becomes in researcher in History of Education. To that end, it presents a summary of the changes in the specific field of the craft of the historian of educational issues, showing which is the current state of the art as regards more specifically the contact with the past. After an initial period in the history of education subsumidy to philosophy of education was, in the final years of the 20th century and these first of the current century there is a whole theoretical discussion that wants to legitimize this field as specific and different from other education-related. In this sense, the usages and instruments that the historian must have at their disposal, such as the definition of periodization to be searched, the type, the choice and the treatment of sources (historical documents) that reveal the lives of social actors that if you want to search, and how the relationship between past and present, are presented as theoretical and practical requirements for the constitution of an authentic History of Education

Keywords: Theoretical field. History of Education. The craft of the historian. Educational research.

A discussão em torno construção da História da Educação no Brasil, como um campo disciplinar voltado ao ensino e a produção de conhecimentos por meio de pesquisas, é o

objetivo deste artigo. Desta forma, pretende-se, adicionalmente, apresentar a trajetória disciplinar e acompanhar as idéias desenvolvidas pela historiografia criadas no movimento social que os pesquisadores e educadores realizaram e

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

² Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2004). Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

continuam a realizar para a instituição e para a consolidação da História da Educação como campo de ensino e de pesquisa.

Observa-se, de início, que o ensino e a pesquisa em História da Educação vêm, desde 1990, adquirindo *status* diferenciado entre os pesquisadores da área educacional. O ensino, apoiado na pesquisa, vem se renovando e se desenvolvendo não só quantitativa como também qualitativamente. Os tradicionais temas³ estão sendo retomados, adquirindo consistência investigativa diferenciada. Por sua vez, outros temas estão ganhando visibilidade nas pesquisas em História da Educação, como, por exemplo, História das Instituições Escolares, História da Educação e Gênero, Intelectuais e Métodos Pedagógicos, Escolas e Cultura Escolas, História da Educação Infantil Brasileira e História das Disciplinas Escolares e Acadêmicas.

A constatação e o reconhecimento deste novo perfil da História da Educação sugerem que se pergunte: como esse perfil foi se configurando? Como se deu essa mudança? Como ela vem sendo divulgada pelos interessados no assunto?

Para responder a estes questionamentos, o caminho teórico-metodológico escolhido foi o de verificar nos textos, na produção historiográfica que os pesquisadores do tema já produziram, quais as ideias que estão circulando e movimentando o debate sobre a mudança no perfil da disciplina de História da Educação, ao longo do século XX. Todavia, já sabendo que a História da Educação, como disciplina, encontra-se nas estruturas escolares e acadêmicas há muito tempo, tendo surgido no final do século XIX, sob a influência do Positivismo, e “no bojo de um movimento de reação contra a metafísica”. (LOPES, 1986, p. 18).

Para o francês e historiador da educação André Chervel (1999, p. 178), uma primeira e importante tarefa para o historiador da educação que se propõe a tratar da história das disciplinas é a de definir a noção de disciplina, ao mesmo tempo em que faz a sua história.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: ORIGEM TERMINOLÓGICA

Disciplina, palavra de origem latina, significa: “[...] a instrução que o aluno recebe do mestre”; atualmente, entendemos disciplina como “[...] um modo de disciplinar o espírito [...] dar métodos e regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”. (CHERVEL 1999, p. 180).

História, palavra de origem grega, significa: procurar, investigar. Na contemporaneidade, não há uma compreensão única do termo, mas existe certa concordância. O francês, historiador de ofício, Jacques Le Goff, afirmava que a preocupação do historiador era a de relacionar a ordem de permanência e a ordem de transformação, por isso não entendia a História como ciência do passado, mas sim como a “ciência da mutação e da explicação dessa mudança” (LE GOFF, 1996, p. 15). Entender a História como ciência dos homens no tempo e um “esforço para um melhor conhecer uma coisa em movimento”, era como outro historiador, March Bloch (1965, p. 18) a concebia.

Educação é um termo que nos desafia por seus inúmeros significados. Se seu significado se aproximar de *Educatio*, termo de origem latina, teremos uma noção de educação que se relaciona com a ação de instrução, formação e transmissão de conhecimentos. Porém, se o seu significado se aproximar de *Educere*, termo também de origem latina, temos que educar é extrair, desabrochar e desenvolver algo no indivíduo. Logo, tem-se que, sob este viés, propõem-se “[...] uma educação em que o educador exerce o papel de guia no processo ensino-aprendizagem e o educando é agente atuante deste processo. Sob este prisma, a atividade educacional é concebida como meio para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo”. (NEVES, 2007, p.10).

Diante de tantas diferenças de concepções, que enriquecem o campo da educação, é importante registrar e definir que: 1) quando, aqui, tratamos de História da Educação, estamos nos referindo, primeiramente, a uma disciplina acadêmica, com regras, estatuto, temas, objetos de estudo e vocabulário próprios; 2) estamos dialogando sobre a emergência de um campo disciplinar, específico, que vem se construindo historicamente, portanto, ora se mantendo ora se alterando.

³ A formação da sociedade colonial e a educação jesuítica (1549-1759); o Iluminismo português e as Reformas Pombalinas (1759-1822); a instituição do Estado Nacional e a instrução pública durante o primeiro reinado (1822-1831); o Segundo Reinado e a elaboração dos sistemas de ensino (1840-1889); e todos os projetos educacionais do período republicano, desde 1889 até a atualidade.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: DADOS SOBRE SUA ORIGEM

Os historiadores da educação sabem que a História da Educação foi criada, como especialidade da História, em diferentes lugares⁴, no final do século XIX. Neste processo, como em qualquer campo disciplinar, aconteceram e ainda acontecem polêmicos debates em decorrência do modelo que conformou o seu processo de criação e consolidação. Mais uma vez, pode-se perguntar: que modelo é este e que tradição este modelo instituiu?

Atualmente, é consenso o entendimento de que a História da Educação se construiu como parte da Filosofia da Educação.

Pesquisadores do campo da História da Educação vêm estudando os fatores que levaram à aproximação da História e da Filosofia da Educação. É possível identificar que não são poucos os fatores apontados como responsáveis por essa aproximação. Vejamos, a seguir, alguns desses fatores.

• *A História da Educação, apesar de ser criada como uma das especializações da História, desenvolveu-se muito mais próxima do terreno da Educação, da Pedagogia e, portanto, da Filosofia.*

O modelo que partilhou as mesmas diretrizes para a História da Educação e para a Filosofia da Educação consagrou-se, no Brasil, primeiramente, com a criação do Curso de Pedagogia “como uma seção na Faculdade Nacional de Filosofia” (Decreto-Lei Nº 1.190), em 1939, (LOPES, 1986, p. 17). Nesse período, a História da Educação adquiriu o *status* de disciplina obrigatória. Segundo o Prof. Dr. Dermeval Saviani, filósofo da educação, da UNICAMP, foi com a promulgação, em âmbito nacional, da Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-Lei Nº 8.530), em 1946, que essa disciplina, juntamente com a Filosofia da Educação, passou a integrar o currículo de todas as escolas normais do país (SAVIANI, 2004; VIDAL, 2003). Posteriormente, com a LDB 5692/61 e com o Parecer 251/62, o Conselho Federal de Educação especificou que o currículo

mínimo dos Cursos de Pedagogia deveria contar com a disciplina História da Educação. Realidade essa vivida até a atualidade.

Conforme os agentes – professores e alunos – da História da Educação iam se familiarizando com o universo dos conteúdos da Educação e da Pedagogia em geral (como as doutrinas pedagógicas e os pedagogos consagrados), os estudos e as pesquisas voltavam-se, como entende Lopes (2001, p. 28), para a história das ideias pedagógicas. A fonte para o desenvolvimento destes recortes temáticos era a obra dos grandes pensadores. Nesse contexto, também, observa-se que muitos dos compêndios e dos livros didáticos utilizados em História da Educação Geral eram os manuais da Filosofia da Educação, como os de F. Larroyo (1944), R. Hubert (1949), Paul Monroe (1949), Lorenzo Luzuriaga (1951) e Abbagnano (1957), entre outros (LOPES, 2001, p. 28).

Para a historiadora da educação Diana Vidal (2003, p. 13), “[...] essa integração reforçou o afastamento da escrita da história da educação da prática dos arquivos, estimulando as interpretações que pretendiam conferir-lhe uma importância moral”.

Outro dado é a constatação de que a educação e seus objetos não apresentavam interesse para os historiadores de ofício. Lopes (2001, p. 26) entende que “[...] no campo da História, a educação tem sido, tradicionalmente, um objeto ignorado ou considerado pouco nobre”. Um bom exemplo é o livro organizado pelos historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfás, *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia* (1997). Os textos, produzidos por 19 profissionais da área, versam sobre diversas histórias: História Econômica, História Social, História das Ideias, História das Mentalidades e História Cultural, História Agrária, História Urbana, História das Paisagens, História Empresarial, História da Família e Demografia Histórica, História do Cotidiano e da Vida Privada, História das Mulheres, História das Religiões e Religiosidades, mas nem um capítulo específico sobre a História da Educação.

• *A História da Educação, como disciplina nos cursos de formação de professores, adquiriu um caráter mais formativo, de transmissão de valores.*

⁴ Em 1880, na França; em 1884, na Universidade de Berlim; em 1891, em Harvard (LOPES, 1986, p. 15-16).

Os conteúdos didáticos e pedagógicos ministrados na disciplina de História da Educação visavam muito mais justificar a tarefa educativa e fundamentar a formulação das finalidades da educação do que explicitar ou definir as características do fenômeno educativo. (SAVIANI, 2003, p. 27). Os conteúdos eram impregnados pela postura messiânica e salvacionista disseminada pela civilização cristã, como entende a historiadora da educação Clarice Nunes. Para essa autora, esses conteúdos visavam a preservação e a permanência dos valores morais e dos ideais humanos. (NUNES, 1996). Logo, em sua trajetória como disciplina, a História da Educação firmou-se como uma ciência auxiliar da Pedagogia, ao passo que outras áreas do conhecimento, consideradas matriciais, como a Psicologia, a Biologia e a Sociologia, foram chamadas não para justificar, mas para explicar o fenômeno educativo. (LOPES, 2001; VIDAL, 2003).

- *A diversidade de formação e do perfil dos intelectuais envolvidos com a disciplina.*

O ensino em História da Educação brasileira se fez por meio de conteúdos advindos de compêndios ou de manuais didáticos redigidos por intelectuais de diferentes áreas do conhecimento. Pode-se constatar que os manuais que, de alguma forma, criaram um discurso fundador em História da Educação foram escritos por: médicos, como Júlio Afrânio Peixoto, que redigiu *Noções de história da educação* (1933), e Raul Briquet, autor de *História da educação: evolução do pensamento educacional* (1946); advogados, como Primitivo Moacyr, que escreveu *A instrução e o Império: subsídios para a história da educação no Brasil, 1823-1853* (1936), e Fernando de Azevedo, autor de *A cultura brasileira*, (1943); e religiosos católicos, como Theobaldo Miranda Santos, que redigiu *Noções de história da educação* (1945).

Tais manuais ou compêndios pedagógicos foram, e ainda são, considerados fonte obrigatória entre os historiadores da educação. Intelectuais como Afrânio Peixoto, Primitivo Moacyr, Fernando Azevedo, Theobaldo Santos, Raul Briquet, juntamente com Anísio Teixeira, Gilberto Freire, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Câmara Cascudo, entre outros, se

consagraram ao fundar uma nova rede de interpretação brasileira.

Os intelectuais acima citados construíram uma tendência historiográfica de larga tradição que acabou por conformar uma determinada memória nacional, na qual se destacam ou priorizam determinados temas em detrimento de outros. Ou seja, eles criaram um *corpus* que, por força de uma tradição historiográfica, acabou por legitimar algumas leituras, tornando-as leituras autorizadas e quase obrigatórias em História da Educação. Em alguns casos podemos afirmar que a própria interpretação historiográfica passou a ter o *status* de história.

Entretanto, é espantoso, como constata Nunes (1996, p. 69), que os intelectuais mais consumidos em História da Educação, “[...] esporadicamente assumem o papel de historiadores da educação”. Para Lopes (2001, p. 31), “[...] a História da Educação tem sido um campo fértil para os amadores”, para intelectuais que não eram educadores de formação e nem historiadores.

Estes fatores, resultantes da aliança entre a História e a Filosofia da Educação, geraram, como entende a historiografia, alguns encaminhamentos que acabaram por criar uma imagem de que a História da Educação é uma disciplina menor, marginal, porque foi construída prioritariamente por educadores, pedagogos, que não foram preparados para exercer o *métier* do historiador. (NUNES, 1989; SAVIANI, 1998). São amadores no que se refere à operação historiográfica, conforme os ensinamentos do francês, historiador de ofício e padre jesuíta, Michel de Certeau (1982).

Assim, a partir de um determinado momento no final dos éculo XX os historiadores da educação passaram a se perguntar: como os educadores historiadores enfrentaram e estão enfrentando esta situação? Como se relacionaram e estão se relacionando com o desafio de criar um espaço crítico de trabalho? Como se propuseram a superar o suposto amadorismo que caracterizou a História da Educação?

DESTRUTURAÇÃO DO MODELO TRADICIONAL QUE CONFORMOU A TRAJETÓRIA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Primeiramente, houve a tomada de consciência da descaracterizadora intimidade entre a História e a Filosofia da Educação,

observando que a fusão entre a História e a Filosofia da Educação obscureceu os contornos, os limites fronteiriços entre elas. Segundo, eles se afastaram dos procedimentos característicos da investigação filosófica e se aproximaram da investigação histórica. No entanto, quando e como este processo se realizou e vem se realizando?

Para Vidal (2003, p. 3), a História da Educação como um “[...] campo autônomo, apartado da Filosofia da Educação, é fenômeno recente e não de todo consolidado no seio da Pedagogia”. Tal movimento, ainda que tenha se alargado a partir dos anos de 1980 e ganhado consistência em 1990, teve suas primeiras iniciativas em meados do século XX.

Em São Paulo, desde os anos 50, um grupo de intelectuais, articulados especialmente em torno da cátedra de História e Filosofia da Educação e sob a coordenação dos Profs. Laerte Ramos de Carvalho e de Roque Spencer Maciel de Barros, do Departamento de Pedagogia da USP, posteriormente, Faculdade de Educação, compuseram um núcleo de estudos e de pesquisas que se ampliou com o crescimento dos Institutos isolados de Ensino Superior no Estado de São Paulo. O grupo aglutinou nomes, como Heládio César Gonçalves Antunha, José Mario Pires Azanha e Maria de Lourdes Mariotto Haidar, da Pedagogia-USP, Casemiro Reis Filho da FFCL de Rio Preto, Rivadávia Marquês Júnior, Jorge Nagle e Tírsa Regazzini Péres da FFCL de Araraquara e, posteriormente, Maria Aparecida Rocha Bauab (Rio Preto), Maria da Glória de Rosa (Marília) e Miriam Xavier Fragoso (Assis), dentre outros, de acordo com o depoimento de Leonor Tanuri, também integrante do grupo. (VIDAL, 2003, p 16).

No mesmo período, no Rio de Janeiro, nomes como Pe. Serafim Leite, Zoraide Rocha de Freitas, Luiz Alves de Mattos, Celso Suckow da Fonseca, Pe. Leonel Franca e Geraldo Bastos Silva contribuíram com seus estudos e sua produção para que a História da Educação brasileira adquirisse *status* e autonomia disciplinar.

Em São Paulo, este movimento foi denominado de “atos inaugurais” pelo historiador da educação Carlos Monarcha (1996) porque, em primeiro lugar, propiciou a criação de uma mentalidade, de uma consciência em história da educação; segundo, porque buscou sedimentar e divulgar uma metodologia própria e privilegiada; terceiro, porque criou condições para a profissionalização do professor universitário como

um tipo de autor; quarto, porque realizou a delimitação de um objeto de estudo e da construção de conhecimentos; finalmente, porque viabilizou a constituição de um público leitor específico.

Não obstante tais iniciativas, os estudos e as produções destes grupos nas pesquisas em História da Educação ganharam, de fato, maior visibilidade com a instalação dos Programas de Pós-Graduação.

Os primeiros programas a se constituírem no Brasil foram o da PUC no Rio de Janeiro, em 1965, e o da PUC de São Paulo, em 1969. A partir da década de 70, outros programas surgiram, ampliando e constituindo lugares de debates e de pesquisas em que o pensamento marxista, os novos ideais da Igreja Católica e os ditames dos *Annales*, na busca de espaços, confluíram e conviveram, quase sempre conflituosamente.

A produção veiculada pelos programas de pós-graduação em Educação, mais especificamente, em História da Educação, vem sendo bastante estudada e analisada. Um dos resultados obtidos por estes estudos refere-se à identidade do historiador da educação. Entende-se que esta identidade se constituiu, desde sua gênese, de forma multifacetada e plural. Talvez, em virtude dessa situação, um outro intelectual da área educacional, Jorge Nagle (1984), tenha afirmado que não era muito fácil identificar, antes da década de 1980, a perspectiva histórica nos trabalhos de História da Educação.

Lembre-se de que este marco – os anos 1980 – é importante: a partir dele é que se acredita e se demonstra que o movimento de aproximação dos educadores com a História, como campo teórico, ganhou mais fôlego e mais fluência.

Nesse período, diversas foram as iniciativas que reforçaram o movimento de consolidação da História da Educação como campo disciplinar, de estudos e de pesquisas com contornos próprios. Uma das mais significativas foi o surgimento, em 1984, do GT de História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd (criada em 1980). O GT, no entendimento de Vidal (2003, p.19), “[...] rapidamente tornou-se o principal espaço nacional de aglutinação de pesquisadores, de crítica historiográfica e de difusão de novos horizontes de investigação na área”.

Ao que parece tal iniciativa da ANPEd foi a mola propulsora para que dois novos grupos se constituíssem. No Rio de Janeiro, sob a

coordenação da Prof^a Clarice Nunes, foi apresentado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 1986, “[...] um projeto cujos resultados constituiriam o Guia de Fontes que ora se concretiza. Este trabalho foi concluído em 1988 e apresentado para publicação em 1989”. (NUNES, 1992, p. 7).

E, ainda em 1986, sob a coordenação de Dermeval Saviani, estruturou-se na UNICAMP, o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, denominado de HISTEDBR. O Grupo adquiriu *status* nacional e articulou vários e diferentes locais do Brasil, visando investigar a História da Educação Brasileira a partir dos pressupostos do materialismo histórico.

No Diretório dos Grupos de Pesquisas cadastrados no CNPq, pode-se constatar como se desenvolveram e ampliaram diversos núcleos de estudos e pesquisas em História da Educação, os quais se encontram instalados em universidades nas mais diferentes regiões do território brasileiro.

Por outro lado, a comunidade constituída pelos historiadores da educação também se encontra sistemática e regularmente nos eventos, seminários e congressos organizados pelas diferentes instâncias nacionais, entre os quais se destaca o Congresso Brasileiro de História da Educação, que vem acontecendo desde 2000, com periodicidade bienal. Esse evento marca o processo de criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), em 1999. Entretanto, os historiadores da educação encontram-se, também de dois em dois anos, em eventos de caráter internacional como o Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana, ocorrido desde 1992, e o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, desde 1996. Também não se pode deixar de registrar a importância da participação dos historiadores da educação no *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE), evento internacional que congrega, desde 1978, todas as associações mundiais em História da Educação.

Além das associações e dos eventos – nacionais e internacionais – que objetivam divulgar a produção do campo, outros mecanismos foram criados. Um destes mecanismos são as revistas especializadas em História da Educação. Atualmente, encontram-se consolidadas várias revistas e a que mais se destaca é a Revista Brasileira de História da

Educação, sob a responsabilidade da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).

Toda essa construção revela a consolidação de uma comunidade científica em História da Educação. Uma comunidade que disponibiliza uma produção em que os recortes são ora panorâmicos ora específicos; uma produção que não é consensual teoricamente; uma produção que não renega os tradicionais temas de estudo, mas que se aventura e constrói outros.

Em resumo, relembremos Saviani (1999, p. 10), quando afirma que a História da Educação tem duas fases. A primeira estende-se até os anos 60, quando ainda se encontrava associada à Filosofia da Educação, campo disciplinar mais voltado para os ideais educativos e para as finalidades da educação. A partir da década de 80 do século XX, iniciativas marcadas pelos ideais do Marxismo e dos *Annales* (sob a perspectiva da Nova História Cultural) ajudaram na transformação da disciplina, consolidando-a como área de conhecimento específico, com diferentes enfoques e em constante diálogo com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Linguística e a Geografia, entre outras. Logo, não há como negar que estamos diante de um movimento muito fértil, amparado na diferença dos fazeres dos historiadores da educação.

Quando direcionarmos nosso olhar para o conteúdo da produção acadêmica, para o *corpus* dos historiadores da educação que se encontra disponível, outro aspecto que se percebe é que, para além das especificidades temáticas, os motes, as preocupações que permeiam muito dos discursos, são as incertezas relacionadas com a aquisição e com a destreza do *metier* do historiador da educação na formação dos educadores; em outras palavras, o foco é a forma como se vêm enfrentando as demandas sobre a profissionalização do historiador da educação.

HISTORIADOR DA EDUCAÇÃO: O APRENDIZADO DO “OFÍCIO”

Fazendo uma análise das estruturas curriculares do curso de Pedagogia, identifica-se que o pedagogo, em sua formação, dificilmente adquire conhecimentos que compõem o campo da História. Não é de hoje essa constatação.

Eliane Marta Lopes, desde 1986, apresenta questões contundentes no que se refere ao ensino e à formação de historiadores da educação. Esta

historiadora da educação incita a enfrentar a questão da formação do pesquisador da História da Educação porque, para ela, essa tarefa não foi assumida pelos cursos de educação e de pedagogia. A autora (LOPES, 1986, p. 36) afirma que “[...] o educador ou o pedagogo, não recebendo formação específica nem em metodologia de pesquisa histórica nem em teorias da História, dificilmente pode tornar-se um historiador”, pois, para atender o rigor e o método que o ofício do historiador “[...] exige-se um crescente entendimento da História da educação, que deve ser escrita através de pesquisas rigorosas que obedeçam aos critérios e às exigências da própria ciência da história”.

Partindo do pressuposto de que permanece atual a identificação de que o pedagogo carece de familiaridade com o trato do histórico e com o conjunto de reflexões sobre a História, quer no terreno teórico quer na atividade prática, entende-se que está apresentado o desafio da superação dessa carência e que existe a possibilidade de que isso seja conseguido pelos interessados, à medida que a História seja reconhecida como campo de conhecimento e dominada em seus próprios domínios, ou seja, é fundamental, no exercício da escrita da História da Educação, conhecer as concepções teóricas, os procedimentos investigativos, as suas normas, a sua ética, a sua terminologia mais corrente e as suas técnicas de trabalho.

Partindo do pressuposto de que a História é a ciência da mutação e da explicação dessa mudança, como operacionalizamos esta compreensão na escrita da história da educação?

Para começar destacamos três grandes questões fundamentais para o desenvolvimento da operação historiográfica. A primeira se refere ao estabelecimento dos marcos temporais, ou seja, como *periodizar*.

A periodização está relacionada ao tempo delimitado para o objeto de estudo. Quando o destaque é o objeto de estudo, o tempo definido é o da duração do fenômeno em estudo. Isso significa que o tempo não é mais algo externo e independente dos temas-objetos. O tempo não é mais homogêneo e nem universal. Para Barreira (1995, p. 92), “[...] um produto de pesquisa é determinado pelo movimento descrito, no tempo e no espaço, pelo próprio objeto de investigação”.

A segunda relaciona-se ao entendimento de *fontes*. Partimos do princípio de que é o objeto de estudo, e o historiador, que define qual a fonte

mais apropriada para o seu desenvolvimento. Considerando que todo vestígio deixado pela humanidade são possíveis de se tornarem fontes para a pesquisa histórica, nos distanciamos da compreensão de que a vê como aquele que origina ou produz uma causa. Esta matriz explicativa, esta noção de documento histórico estabelece regras de dependência, estabelece hierarquização, resultando em uma compreensão congelada do passado. Aquele que está pronto para todo o sempre, que tem e teve um saber instalado, cabendo a nós, historiadores, revelá-lo. Fonte é, para nós, instrumento que representa e resulta do desejo de quem as produziu, intencionalmente ou não, de construir uma determinada imagem de si mesmo ou de no máximo do seu grupo social, ou seja, não se constituem, necessariamente, como expressão da sociedade em geral. Esta compreensão destaca e reconhece que a descrição é uma operação historiográfica das mais importantes. Com isso é importante reconhecer que a relação com os documentos oferece, no mínimo, duas perspectivas, a de que elas propiciam esclarecimentos, e, também, elas recebem explicações. A nós, nos cabe interpretá-las.

A terceira trata do entendimento da *relação entre o presente e o passado*. Entendemos que o historiador longe de tecer considerações moralistas e mecânicas sobre a relação “passado, presente e futuro”, pode e deve explicá-las, amparado em investigações constantemente refeitas.

Com este sentido, defendemos a construção de trabalhos em História da Educação Brasileira que partam da construção de uma história problematizada, quer seja, por meio das indagações, de perguntas do pesquisador, instalado no presente, cria-se novos contornos ao passado. É o presente que interroga o passado com o intuito de renovar o passado e não o inverso. Entendemos que não é o passado que ilumina, explica ou justifica o presente, mas que é o presente que dá ao passado uma multiplicidade de sentidos. Caso contrário, corre-se o risco de se cometer os principais delitos em História, como o anacronismo⁵, a Doença de Lamartini⁶; e da transferência de categorias analíticas de períodos

⁵ Confusão de datas, acontecimentos ou pessoas;

⁶ Afirmações ou sínteses precoces.

históricos diferentes (BLOCH, 1965, p. 18 e p. 29; LE GOFF, 1996, p. 15).

Pontuamos que o regresso do pesquisador ao passado, por meio das fontes históricas, possui sempre uma intencionalidade que busca pôr luz, busca iluminar os objetos que permanecem nas sombras, recuperando assim, sentimentos perdidos e esquecidos, mas que a leitura que o historiador fará do passado, dependerá “[...] de como este profissional vê e vive o seu próprio presente, pois, a leitura do passado será realizada, a partir de questões postas em certas situações cotidianas”. (NUNES, 1992, p.13).

Distanciamos-nos do princípio da continuidade e da unidade histórica e da história do homem como dado natural e genérico. Distanciamos da herança da tradição hegeliana, concepção marcada pelos grandes consensos em História e pela manutenção generalizada do “espírito da época”. Sabe-se que a História, como campo de estudos e pesquisas, ainda mantém a noção do campo disciplinar, porém, há muito tempo, não mais defende a mecanicidade “das causas e dos efeitos”, da premissa do estudo do passado para entender o presente e direcionar o futuro. Dentre a multiplicidade de críticas a tal postura, destaca-se a operação arriscada da previsão do futuro porque se ignoram as possibilidades de todas as ações e movimentos que cotidianamente se realizam e, por sua vez, mudam e alteram, substancialmente, a trajetória humana. Esta discussão nos remete à polémica questão sobre se há sentido na História.

As contribuições teóricas que comprovam a relação mecânica entre o estudo do passado para entender o presente e direcionar o futuro foram deixadas de lado, há quase um século (LOPES, 2001, p. 16), todavia, ainda encontramos na pesquisa da História da Educação esse procedimento. *Grosso modo*, percebemos que as justificativas para o desenvolvimento de trabalhos de caráter histórico enfatizam, equivocadamente, a importância e a manutenção de sua atualidade. Na tentativa de justificar a importância estabelece-se o raciocínio da continuidade histórica entre longos períodos. O risco deste procedimento se visualiza nas operações metodológicas de justaposições, nas abordagens descontextualizadas e o no estabelecimento de analogias fortuitas e superficiais entre o passado e o presente, negligenciando o contexto histórico em que foram produzidas. Identificar como se construiu essa tradição, como e onde se instalou essa

compreensão no terreno da História da Educação é um problema teórico-metodológico muito profícuo.

Enfim, estes três procedimentos que caracterizam a escrita da história (a periodização, as fontes e relação entre o presente e o passado) nos permitem entender além do que foi apresentado se ater a outros procedimentos como: reconhecer e distinguir o que e quais são as principais categorias históricas; desenvolver cuidados especiais para com o tratamento das diferentes formas de documentos; reconhecer os instrumentos de trabalho do historiador, como as bibliotecas, os arquivos, os catálogos, os inventários de manuscritos, os periódicos, entre outros; e, adquirir sensibilidade para com o uso, mais refinado, das palavras e de seus múltiplos significados.

Finalmente, perceber que o que caracteriza um trabalho histórico não são as generalizações universais, mais próximas do campo da Filosofia, mas a minúcia do pormenor concreto; a investigação empírica e documental, a preocupação em relacionar a ordem de permanência e a ordem da transformação, observando sempre o reconhecimento dos diferentes ritmos e tempos históricos.

Portanto, perante tantos desafios, é saudável ter cautela no exercício, no fazer da História da Educação, como recomenda Brandão (1998). Acredita-se, portanto, que, neste momento, entre os muitos desafios, o nosso ainda seja o de buscar a compreensão do fenômeno educativo no movimento histórico, priorizando o rigor científico-metodológico, sem, no entanto, abrir mão, como diria Nunes (1990, p. 36), “[...] da imaginação, da paixão e do desejo de sentir ou conversar com o passado”.

Os autores, quando escrevem, estão condicionados pelas “leis do meio”, pela “polícia do trabalho”, pela “materialidade de lugar de produção”; já os leitores podem praticar uma antidisciplina perante os textos, que também são produtos culturais. (CERTEAU, 1994, p. 41). Em outras palavras, entende-se que os autores têm regras, limites que permeiam seus trabalhos, ao passo que os leitores e pesquisadores não são passivos e podem exercer sua astúcia, sua criatividade e produzir outras realidades textuais com os elementos apresentados. Portanto, o que caracteriza o movimento da escrita e da leitura é o da sua constante reconstrução.

Esperamos ter deixado claro a importância atual da História da Educação para a formação dos professores, pois para o bom desempenho de sua função, nada mais eficaz do que ler, pesquisar e compreender sua história, pois a História da Educação é, em boa medida, a história daqueles responsáveis pela transmissão, institucional ou não, dos saberes sociais, o professor.

Referências

- BARREIRA, Luiz Carlos. **História e historiografia: as escritas recentes da História da Educação Brasileira (1971-1988)**. 1995. 257f. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 1995.
- BRANDÃO, Zaia. A Historiografia da Educação na encruzilhada. In: SAVIANI, D. (Org.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa América, 1965.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1999.
- LE GOFF, Jacques. História. In: _____. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. P. 1-166.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. São Paulo: Ática, 1986.
- LOPES, Eliane M.; GALVÃO, Ana Maria O. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MONARCHA, Carlos. **História da educação brasileira: atos inaugurais**. Horizontes: História Social das Idéias, p. 35-43, jul, 1996. Dossiê: Historiografia e Cultura.
- NEVES, F.M; MEN, L.; BENTO, F. Educação e Cultura Escolar: minuciando conceitos. In: **Anais do II Seminário de Pesquisa em Educação**, V Jornada de Prática de Ensino e XIV Semana de Pedagogia da UEM. 5 a 9/11 de 2007. Maringá. ISBN 978-85-98543-06-2.
- NAGLE, Jorge. História da Educação brasileira: problemas atuais. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 3, n. 23, set./out., 1984.
- NUNES, Clarice. Pesquisa histórica: um desafio. **Cadernos ANPED**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 37-47, 1989.
- _____. História da educação: espaço do desejo. **Em Aberto**, Brasília, v. 9, n. 47, jul./set., p. 36-38, 1990.
- _____. Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 1, p. 67-79, 1996.
- _____. **Guia preliminar de Fontes para a História da Educação Brasileira**. Brasília: INEP, 1992.
- SAVIANI, Dermeval. O debate teórico e metodológico no campo da História e sua importância para a pesquisa educacional. In: SAVIANI, D. (Org.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- _____. Idéias para um intercâmbio internacional na área da História da Educação. In: _____. **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999, p. 9-18.
- _____. História e História da Educação na formação do educador. In: SCOCUGLIA, A. C.; PINHEIRO, A. C. F. (Org.). **Educação & História no Brasil contemporâneo**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003, p. 21-36.
- _____. Saudação do coordenador geral do HISTEDBR aos participantes da IV Jornada. Maringá: [s. n.], 2004.
- TAMBARA, Elomar. Problemas teórico-metodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, D. (Org.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas, SP: Autores Associados: 1998.
- VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23. n. 45, jul. 2003.

Recebido: 31/01/2012

Aceito: 19/03/2012

Endereço para Correspondência: Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Fundamentos da Educação – Av. Colombo, 5790 – Bloco I-12 – Sala 10 – CEP: 87020-900 – Maringá-PR

E-mail: fatimauem@hotmail.com

E-mail: celio_costa@terra.com.br